



PANORAMA DA POPULAÇÃO MUNDIAL

Therezinha de Castro

"Durante a maior parte da história do homem, o grande e rápido crescimento da população foi visto como desejável. Até recentemente, o principal ingrediente do poder militar era a força humana, e os números por isso aumentavam o prestígio e o poder do senhor, do príncipe ou do chefe de um clã."

J. Mayone Stycos

Diretor do Programa Internacional de População
da Universidade de Cornell — U.S.A.

INTRODUÇÃO

Coube ao geógrafo francês Max Sorre criar o termo *ecúmeno* designando o meio adequado à vida permanente das coletividades em oposição às faixas inabitáveis. Conseqüentemente ao norte do paralelo de 65 graus se encontram as *terras anecúmenas*, habitadas apenas por cerca de um milhão de pessoas; são os esquimós, os lapões, os samoiedas, etc. *populações residuais aculturadas* espalhadas por uma superfície de cerca de 27.000.000 km². O anecúmeno é ainda mais caracterizado na Antártica, onde, nos 14.000.000 km², só bem recentemente começaram a se estabelecer bases científicas muitas das quais em caráter sazonal.

A disparidade de povoamento nas regiões acima e abaixo do pa-

ralelo de 65 graus se atém ao rigor climático. No entanto, no hemisfério norte o rigor climático difere do austral na mesma latitude, contribuindo para dar um contorno sinuoso aos limites do ecúmeno. Assim, na Europa Ocidental, grandes cidades como Stocolmo, Helsinque e Oslo se localizam na altura do paralelo de 60 graus; já no Canadá essa faixa desce para Quebec no paralelo de 47 graus, enquanto na Sibéria, Kabarovsk e Vladivostok se encontram respectivamente a 48 e 43 graus de latitude norte.

Outros vazios demográficos que nos chamam a atenção se encontram nas zonas áridas ou desérticas da Ásia, África e América.

Além dos *fatores naturais* — continentalidade e disposição do relevo, também têm importância os *fenômenos históricos*.

Em se tratando de regiões ecú-

menas, observa-se que *metade da humanidade vive na zona temperada do hemisfério norte*, muito embora aí os continentes sejam ocupados de maneira assimétrica. Conseqüentemente, dois focos de aglomerações humanas — o primeiro em torno do Mar do Norte e o segundo nas planícies setentrionais da China e volta do Mar do Japão, têm complementaridade a leste do meridiano de 85 graus oeste — entre os Grandes Lagos, Mississipi e costa Atlântica da América do Norte.

Os fatores naturais ou geográficos associados aos históricos caracterizam, pois, a *zona temperada da Terra como o setor de desenvolvimento e expansão da economia e das sociedades industriais*. Aí se localizam, via de regra, os *países ricos*.

É, pois, a História que nos explica a concentração populacional na Europa Ocidental como decorrência da *Revolução Industrial*. Antecedendo-lhe, a *Revolução Comercial* assegurou a essa mesma Europa Ocidental, através do império ultramarino que formou, a aquisição de alimentos e matérias-primas que cobriam plenamente as necessidades de suas populações. Em contrapartida, essa mesma Revolução Industrial, promovendo considerável *inflação demográfica na Europa Ocidental, viria alimentar uma forte imigração sobretudo para a América*.

Fatores naturais mostram que *2/3 dos habitantes da zona tropical são asiáticos*. De um modo geral dependem do regime de monções, que historicamente os man-

teve ligados a uma economia agrícola, e geograficamente levou a se acumularem nas planícies da China, no Sudeste Asiático e na Península Indostânica. Em contrapartida os arquipélagos asiáticos — Japão, Filipinas e Indonésia revelavam maior independência face ao relevo pela exiguidade do espaço de que dispõem.

A *América Tropical não atinge as densidades asiáticas* e seus mais fortes contingente populacionais por km² se concentram nas ilhas caribenhas; as demais aglomerações ou se abrigam nas zonas andinas e planaltinas do Pacífico ou na orla litorânea atlântica do Brasil.

Na América as razões naturais se misturam com as históricas. A fecundidade das populações indígenas no Caribe e Andes e a colonização européia preferencial nessas áreas fazem coro com a fecundidade do negro e fácil miscibilidade do português no setor atlântico.

À semelhança da América Tropical, a *África Tropical* também vê complementadas as razões naturais ou geográficas com as históricas. Em face das causas geográficas o povoamento vai se apresentar bastante difuso enquanto ao ecúmeno se interpõe o vasto anecúmeno do Deserto do Sahara; por outro lado, o povoamento descontínuo e rarefeito atesta a presença da floresta e da savana.

Historicamente, em face da passagem do europeu para as Índias seguindo a Rota do Cabo, as maiores densidades populacionais ficaram no litoral, sobretudo na zona do Golfo da Guiné; aí a Costa do

Marfim, a Costa dos Escravos, a Costa do Ouro e a Costa da Pimenta deram origem aos países mais populosos da atualidade.

Muito embora os europeus tenham contribuído para o desenvolvimento da faixa tropical do Globo, seu processo colonizador foi muito mais marcante no *setor temperado do hemisfério sul*.

As populações autóctones na África do Sul, na América Austral e Austrália eram pouco numerosas, donde o povoamento proceder quase todo das migrações européias. Conseqüentemente, hoje, *os países da faixa temperada do hemisfério sul* são aqueles nos quais ao lado de uma economia industrial que já sai do passivo para o ativo, vêm predominar os centros urbanos sobre os estabelecimentos rurais. É assim que se caracteriza a Argentina portenha, o sudeste do Brasil e da Austrália, bem como a Província do Cabo na República da África do Sul.

Assim concluímos com Pierre George: "Muito desigualmente repartida a população mundial apresenta-se igualmente muito diversificada, apesar de todas as formas de universalização dos modos de existência e das mentalidades originárias da extensão das técnicas industriais de trabalho, de transporte e de comunicação".

A grande diferença de hoje na concentração demográfica não tem imposição meramente geográfica, já que está sobretudo bastante ligada a problemas tanto econômicos quanto sociais. As grandes defasagens se encontram dentro dos próprios países num *contraste*

entre a cidade e o campo; e também entre os próprios países, já que paradoxalmente *as grandes concentrações humanas se encontram nos países subdesenvolvidos* contrastando, pois, com a limitação que vem ocorrendo nos países desenvolvidos.

Por outro lado, nas últimas décadas, graças em parte à *melhoria nos padrões de saúde*, a explosão demográfica é um fato; e ainda nesse contexto, em face da ajuda de entidades internacionais, muito mais que a do próprio governo local, o crescimento explosivo vem se fazendo sentir em países que não podem satisfazer as necessidades básicas da população que já têm.

Conseqüentemente o dinamismo demográfico da Europa Ocidental do século XIX, que implantou as revoluções comercial e industrial, alimentando a expansão colonial, não se aplica mais ao século XX, mas nem por isso deixa de ter sido o responsável indireto pela realidade que vem a ser a superpopulação de hoje, induzindo o mundo ao pânico demográfico.

GEOPOLÍTICA DO DESENVOLVIMENTO DESIGUAL

A população mundial é mestiça; mesmo muitos grupos que se encontram isolados o são, já que as constantes migrações são fatos comprovados desde a antiguidade histórica.

O grupo *branco europeu* é o mais disseminado sobre a face da

Terra em vista de seus empreendimentos coloniais, muito embora *os negros e os amarelos sejam geograficamente os mais concentrados* na África e na Ásia.

Por outro lado, enquanto o fetichismo, o islamismo, o hinduismo e mesmo o budismo afetado pelo socialismo chinês, incidam grosso modo sobre a economia operando *conseqüências na geopolítica da população*, é sem dúvida alguma *o ocidentalismo cristão que se impõe no mundo moderno*.

Em se tratando de *atividades profissionais e padrões de vida*, observa-se que a força de trabalho agrícola vem diminuindo em detrimento da economia industrial, constituindo-se em mais um dentre os vários fatores de desenvolvimento desigual que influem na geopolítica da população.

E, por outro lado, *bastante variável a fragilidade de vida entre os grupos populacionais*; sobretudo em se tratando de *mortalidade infantil*, esta é bem mais alta entre grupos africanos, asiáticos e mesmo latino-americanos do que na Europa e América do Norte. No entanto, com os progressos técnico-científicos a taxa de mortalidade infantil caiu consideravelmente nos últimos decênios; e isto é mais uma contribuição, em grande parte do mundo ocidental cristão de grande importância na geopolítica da população, já que pressiona os índices de crescimento demográfico.

A despeito dos progressos científicos, atualmente cerca de 450 milhões de pessoas, metade das quais crianças menores de 5 anos,

vivem hoje em estado de desnutrição, sobretudo na faixa do chamado Terceiro Mundo, em países ao sul do equador terrestre. Paradoxalmente, em muitos países onde há *miséria fisiológica da população ocasionada pelos mais altos níveis de desnutrição*, quase a metade da área cultivada é ocupada por produtos de exportação. Conseqüentemente, acusam as estatísticas dos 36 países mais pobres do mundo como justamente os que mais exportam alimentos para a Europa e Estados Unidos.

Mostram ainda as estatísticas que *a expectativa de vida* nos países industrializados está em torno dos 70 anos, enquanto nas nações subdesenvolvidas em torno dos 50 anos. Em contrapartida é sabido que três quartas partes de todas as doenças conhecidas poderiam ser curadas com melhor nutrição, redes de água potável e saneamento básico acompanhado de ensino de regras de educação sanitária.

Por outro lado observa-se que *a instrução é o bem mais mal dividido do mundo atual*; por isso, o número de *analfabetos*, avaliado hoje em 800 milhões de pessoas, vem aumentando, calculando-se que há cerca de 100 milhões de crianças sem escolas e que apenas 1/5 da população mundial completa o curso primário.

Outra característica geopolítica do desenvolvimento desigual da população se liga às formas de implantação do *habitat disperso e aglomerado*.

De um modo geral, a distribuição demográfica em países industriais vem se caracterizando por

uma estrutura descontínua, tendo em vista a *urbanização*. Esse fenômeno, porém, difere de região para região. Na Europa, por exemplo, pela carência de espaço, a dinâmica entre os grandes e médios centros se confunde, de um modo geral, com os limites rurais, com vazios intersticiais repetindo-se em escala de pequena região; a ocupação do terreno é assim quase que contínua.

A semelhança do que ocorre na Europa, nos arquipélagos asiáticos a ocupação contínua do espaço leva as aglomerações urbanas a se efetuarem em autênticos eixos como Tóquio-Yokoama, Paris-Londres e Milão-Rotterdam. Por outro lado, o espaço urbano é densamente povoado, de modo quase que contínuo, diluindo-se na periferia. Eis aí, em essência, o que se pode chamar de *habitat aglomerado* que caracteriza, tanto na Europa como nos arquipélagos asiáticos, as chamadas *aldeias urbanizadas*.

Habitat aglomerado é notado também em países de colonização européia, onde quase não foi encontrado ou assimilado o autóctone e, que hoje se caracterizam por uma economia industrial ou semi-industrial. No contexto se inserem a Austrália, a Argentina, o Uruguai com *megalópoles* de altos índices populacionais que contrastam com a população absoluta; esses aglomerados urbanos são respectivamente Melbourne-Adelaide-Perth, Buenos Aires-La Plata e Montevideu, com 55%, 40% e 46% do total populacional do país.

Contrastando com os aglomerados por falta de espaço, a colo-

nização em geral das terras americanas apresentou como tônica o *latifúndio*, o principal responsável pelo *habitat disperso*. Esse fenômeno ocorreu nos três maiores países do continente — Canadá, Estados Unidos e Brasil, onde a fraca ocupação do solo no período colonial se reflete hoje nos seus ecúmenos estatais inteiramente voltados para o Atlântico, e de vastas áreas geopolíticas neutras.

Além da instituição do latifúndio, nota-se, por outro lado, na América Latina em geral, a *tendência em não ocupar zonas anecúmenas do continente*. O Brasil, em particular, com suas dimensões continentais, apresenta-se com apenas 17% de suas terras formando o ecúmeno estatal, ao lado de 64% de seu território como zonas geoeconômicas demograficamente desmarginalizadas; e, no entanto, *o Brasil é o sétimo país mais populoso do mundo*.

A tendência em não ocupar as zonas anecúmenas leva esses países a se manterem geopoliticamente de costas uns para os outros, já que numa constante suas zonas despovoadas estão localizadas nas fronteiras. Daí o contraste que leva a Europa a ter *fronteira-linha*, ou seja, de povoamento denso ou regular entre os limites políticos, e a América a apresentar *fronteiras-faixa*, despovoadas. Onde também o maior intercâmbio e a mais sólida economia que mantém coeso o Mercado Comum Europeu e as dificuldades que entravam o progresso da ALADI (Associação Latino-Americana de Desenvolvimento Integrado).

O estágio de desenvolvimento desigual da população mundial se liga também à chamada *revolução demográfica*. Os países industriais apresentaram a sua revolução demográfica na segunda metade do século XIX, enquanto o crescimento natural se reduziria em nosso século; no século passado a prodigalidade de terras em face do índice populacional, que levaria o mundo europeu ocidental ao seu processo histórico de colonização, inexistiu hoje, quando o mundo civilizado busca paliativos geopolíticos na Antártica. Uma vez terminado o processo colonial, com os impérios ultramarinos, antes aglomerados geopolíticos, depois se esfacelando em países e até micropaíses, deram origem ao mundo em desenvolvimento e subdesenvolvido; estes, indistintamente agrupados no *Terceiro Mundo*, passaram do período de crescimento lento no século passado, experimentando o processo acelerado no atual.

Assim, a geopolítica do desenvolvimento desigual se vem caracterizando pelo fato dos países industriais com a sua possibilidade técnica e legal *virem voluntariamente limitando o número de filhos através do planejamento familiar*; estabilizada a dimensão familiar num número médio de 4 a 5 pessoas, conseqüentemente essas áreas mais ricas passaram a se caracterizar por fracas porcentagens de jovens e elevadas proporções de adultos idosos. Em contrapartida, a América do Norte frente à Europa mostra-se com população jovem, embora no contexto geral es-

sa-se apresente bem mais velha do que a da América Latina, onde a tônica dos países subdesenvolvidos induz ao crescimento rápido.

Donde também o *fenômeno geohistórico reversivo* — essas áreas colonizadoras do passado estarem atraindo populações de regiões outrora colonizadas. É fato notório o grande número de *entrada ilegais* de egressos americanos e africanos na Inglaterra, França, Holanda, e mesmo Alemanha Ocidental ou Estados Unidos, em busca de novos horizontes que o seu habitat subdesenvolvido lhes vem negando.

CONCLUSÃO

Segundo R. Dumont, o mais grave problema a curto prazo parece ser o da incapacidade dos países de crescimento natural rápido da população em elevarem nas mesmas proporções a sua produção econômica. Daí a *ação sobre a explosão demográfica* surgir como saída teoricamente possível, mas nem sempre aplicável na prática a curto prazo. Nesse caso específico se insere o *problema da China* que, embora reforçando os efeitos de uma legislação favorável ao controle da natalidade, não verá impedido o fenômeno de sua população atingir o bilhão de habitantes antes de findar o século.

A China, que na Reunião de Bucarest (1974) reagiu contra os programas de planejamento familiar, vem adotando atualmente o sistema, mas não como consequência natural no âmbito da própria família, como defendeu o Brasil na *Reunião da Cidade do México*

(1984). Limitando a um filho apenas por casal, não deixa a China de enveredar para desequilíbrios futuros, ante a busca econômica e pre-conceituosa de maior número de espécies do sexo masculino.

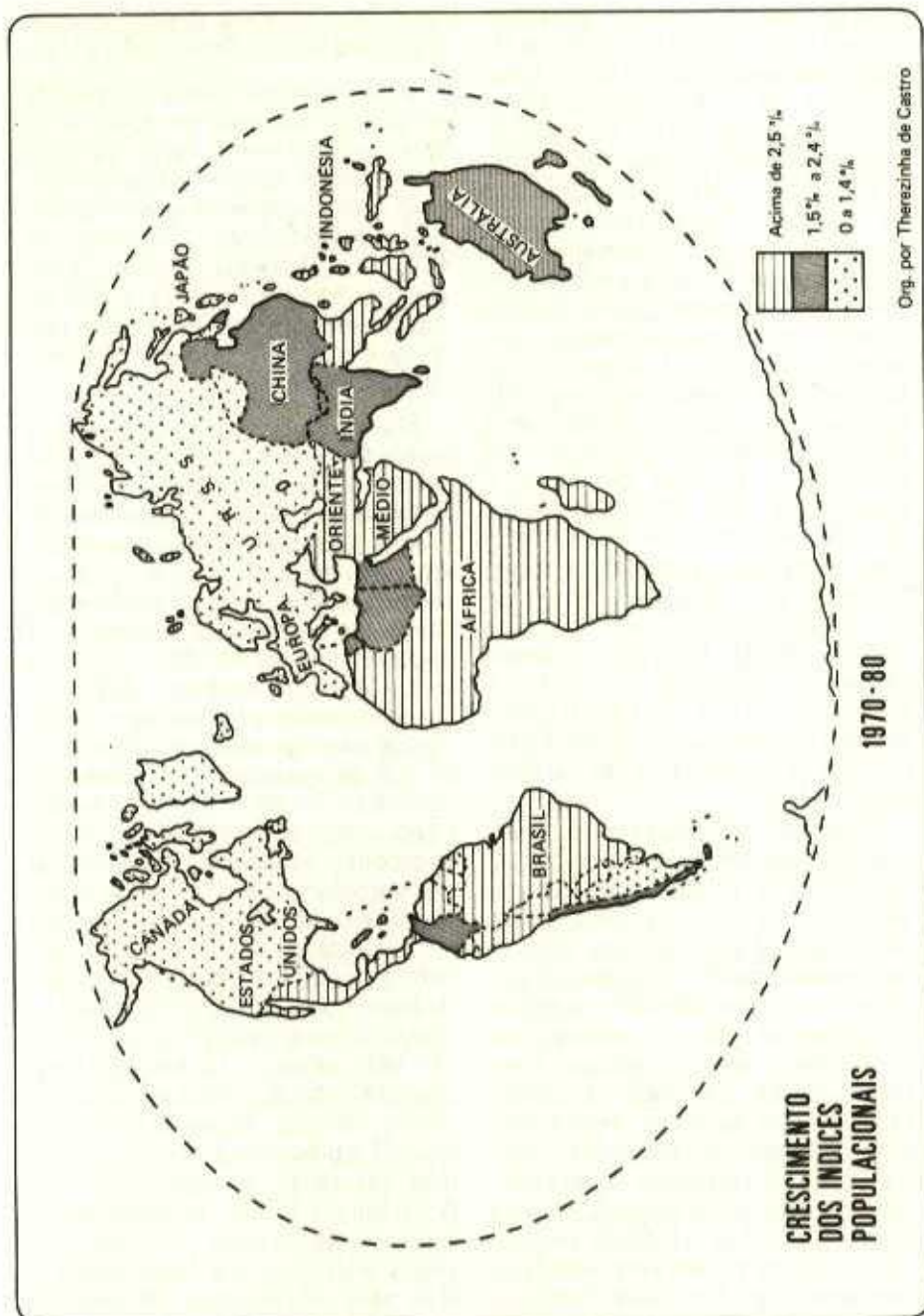
Para Danilo Venturini, Ministro de Assuntos Fundiários, respondendo na CPI do Crescimento Populacional do Senado Federal, em 1983, — “o governo pode e deve intervir no desenvolvimento econômico e social. O planejamento familiar será o reconhecimento da paternidade responsável porque o Estado não deseja impôr nada às famílias. O número de filhos é questão de fôro íntimo da família”. No entanto, Venturini deixa bem claro que “a qualidade física e mental dos indivíduos é um fator preponderante de segurança nacional. E este fator não se alcança sem o progresso econômico e social dos indivíduos. Para o pleno sucesso do desenvolvimento é preciso ter a perspectiva da variável demográfica”.

Embora o *planejamento familiar* seja assunto controvertido, vários países do mundo em desenvolvimento, como é o Brasil, vêm adotando programas para limitar seu desordenado crescimento populacional; crescimento via de regra constrangedor e oneroso para o governo, pois é sempre bem maior no seio das classes mais pobres. Esses programas financiados, em parte, por organizações internacionais, já começam a dar resultados, tanto assim que a Coréia do Sul, a Colômbia e o Chile se inserem entre os países com significativos declínios nas taxas de natali-

dade nos últimos decênios, contrastando com o Brasil. (Mapa 1)

É de se notar uma modificação no comportamento do governo de Washington; em Bucarest pregava o princípio de que os países pobres deviam parar de se multiplicar populacionalmente, enquanto na Cidade do México tomava a posição de liderança contra o aborto, muito embora defendendo a tese de que *o desenvolvimento é o melhor anticoncepcional*.

Muito embora em Bucarest a acusação tenha pesado em especial contra o Terceiro Mundo, na Conferência da ONU na Cidade do México a situação, diante dos fatos, em nada mudou. É que se observarmos o Mapa 1 onde estão esboçados os índices de crescimento populacional (1970-80), veremos que a América Latina, a África, o Oriente Médio e o Sudeste da Ásia apresentam as maiores cifras, e é aí que se aglomeram os países do chamado Terceiro Mundo. Assim, nesse mesmo mapa, salvo raras exceções, notaremos que *existe um correlacionamento entre o desenvolvimento e a queda do índice de natalidade*. A constante se encontra, pois, no fato que, à medida que sobe o nível de desenvolvimento, cresce também o da educação bem como o conseqüente esclarecimento que leva ao planejamento familiar. Nesse contexto, o Mapa 1 apresenta o mundo industrial do norte se estendendo da América do Norte, passando pela Europa, envolvendo a União Soviética e atingindo o Japão como a área que apresentou na década



1970-80 os menores índices populacionais de crescimento.

Ante o *pânico demográfico*, o mundo se apresenta e se apresentará, em projeções populacionais, na seguinte seqüência para os países mais populosos:

anos para atingir o seu 1º bilhão de habitantes, e isso ocorreu em 1800. Em contrapartida, para atingir o seu 2º bilhão em 1930, bastaram 130 anos. Porém, com a continuada explosão demográfica o mundo precisou apenas de 30

País	1980	2000	2025	2050	2100
China	980,3	1.196	1.409	1.450	1.462
Índia	687,3	995	1.311	1.518	1.639
URSS	265,5	306	339	358	376
EE.UU.	226,5	259	286	288	289
Indonésia	146,3	212	284	332	358
BRASIL	121,3	181	243	279	299
Japão	116,8	128	132	129	128
Bangladesh	88,5	157	266	357	434
Nigéria	84,7	169	329	471	595
Paquistão	82,1	140	229	302	361
Total	4.435	6.145	8.297	9,779	10.869

Fonte: Banco Mundial (em milhões)

Observamos que a taxa atual de crescimento da população mundial vem atingindo um ritmo que chega mesmo a ignorar as guerras, a fome, as doenças, como ainda os avanços da ciência no campo dos métodos de controle da natalidade.

No mundo nascem cerca de 146 crianças por minuto, 8.790 por hora, 210.959 por dia e 77 milhões por ano. Essas cifras do Banco Mundial induzem a uma estimativa de 6 bilhões de habitantes para o ano 2000, quando em 1980 tínhamos 4,6 bilhões, desigualmente distribuídos sobre a superfície da Terra, visto que cerca de 2/3 se aglomeraram em apenas 7% de sua área.

Segundo estatísticas da ONU a Terra precisou de 2 a 5 milhões de

anos para atingir o seu 3º bilhão, enquanto o 4º bilhão foi alcançado em menos de 15 anos. Nesse estágio calcula a ONU que seremos 5 bilhões em 1998, quase no limiar do ano 2000, quando já teremos alcançado 6 bilhões.

Em termos de crescimento populacional observa-se também que *a população urbana cresce muito mais que a rural*; e esse crescimento é de tal monta que *ao findar o nosso século as grandes cidades abrigarão a metade de todos os habitantes de nosso Planeta*.

Ao se iniciar o século XIX apenas cerca de 2% da população mundial vivia em cerca de 22 cidades com 100.000 habitantes ou pouco mais; os Estados Unidos, destinados a se tornarem o país mais ur-

banizado tinham apenas 4% de seus habitantes em cidades com cerca de 2.500 pessoas.

A Conferência da ONU reunida na Cidade do México em agosto de 1984, para um debate sobre a população mundial, destacou as 20 maiores cidades do mundo no ano 2000 comparando-as, segundo o quadro que se segue com as 20 maiores áreas metropolitanas em 1980:

ra, desde o como morar, como alimentar, como sanear, como policiar, que a atividade rural dispensa.

Observando-se o quadro que destaca as 20 maiores cidades do mundo segundo a ONU, veremos que nenhuma irá se aproximar do surto que está para ocorrer na Cidade do México; a capital mexicana terá no alvorecer do século XXI 107% a mais que a sua população em 1980. Em termos percen-

1980		2000	
1 - Tóquio-Yokoama	17	1 - Cidade do México	26,3
2 - Nova York	15,6	2 - S. Paulo	24
3 - Cidade do México	15	3 - Tóquio-Yokoama	17,1
4 - S. Paulo	12,8	4 - Calcutá	16,6
5 - Shangai	11,8	5 - Bombaim	16
6 - Buenos Aires	10,1	6 - Nova York	15,5
7 - Londres	10	7 - Seul	13,5
8 - Calcuta	9,5	8 - Shangai	13,5
9 - Los Angeles	9,5	9 - Rio de Janeiro	13,3
10 - Reno-Ruhr	9,3	10 - Nova Deli	13,3
11 - Rio de Janeiro	9,2	11 - Buenos Aires	13,3
12 - Pekim	9,1	12 - Cairo	13,2
13 - Paris	8,8	13 - Djakarta	12,8
14 - Bombaim	8,5	14 - Bagdad	12,8
15 - Seul	8,5	15 - Teheran	12,7
16 - Moscou	8,2	16 - Karachi	12,2
17 - Osaka-Kobe	8	17 - Istambul	11,9
18 - Tientsin	7,7	18 - Los Angeles	11,3
19 - Cairo	7,3	19 - Dacca	11,2
20 - Chicago	6,8	20 - Manilla	11,1

O *urbanismo* que classifica o Brasil tanto em 1980 como no ano 2000 através de *São Paulo e Rio de Janeiro*, é um fenômeno geopolítico que sai muito mais caro ao país do que a predominância rural propriamente dita. A justificativa se prende ao fato de que *as cidades exigem toda uma infraestrutu-*

tuais, no entanto, só perderá para *Djakarta*, a capital da Indonésia, que no mesmo período apresentará uma porcentagem de 115% em sua taxa de crescimento.

A *segunda megalópole* será *São Paulo*, registrando um crescimento de 91%; enquanto *Nova York*, que será no ano 2000 a sexta maior ci-

dade do mundo, perdendo o seu 2º lugar em 1980, mostrará um crescimento bem menor. Os seus 11% podem ser comparados aos 78% do *Rio de Janeiro que do 11º lugar em 1980 será a nona cidade mais populosa do mundo no ano 2000.*

Nas últimas décadas cerca de 70 milhões de habitantes do campo procuraram vida melhor nas cidades dos países em desenvolvimento; daí cidades super-populosas como Cairo, Lagos, Rio de Janeiro, São Paulo e México, etc. estarem lutando contra o *fenômeno social do desemprego.* O fato mais marcante é que *as populações de várias cidades africanas quadruplicaram em apenas uma década,* mostrando que um dos problemas mais difíceis do Terceiro Mundo vem sendo e será o desemprego. Por outro lado há que ressaltar que esse fenômeno significa queda na agricultura, e, conseqüentemente, *menos quantidade de alimentos para o mundo.*

No contexto geral observa-se ainda que o ritmo de crescimento é sem dúvida bem mais acentuado nas nações do Terceiro Mundo, onde são também mais graves os problemas de infraestrutura, donde a *proliferação das favelas.* Daí as *convulsões sociais* forjadas na defasagem notada nos centros urbanos de bairros ricos ou de classe média e o das *populações marginalizadas.*

Podemos ainda afirmar que o *crescimento populacional da África deverá dobrar em apenas 25 anos,* enquanto o das *nações ricas localizadas sobretudo no hemisfé-*

rio norte será acentuadamente declinante. Conseqüentemente cabe aqui a digressão de Mahbud el-Haq que integrava em 1978 o Banco Mundial: — “Há uma dúvida real sobre se uma minoria assim decrescente será capaz de controlar o destino econômico, financeiro e político do mundo — e que meios poderá empregar nesse sentido”. Isso diante do fato de que de 1980 ao ano 2000 a África apresentará um crescimento de mais de 70%, enquanto a Ásia, sem a China, terá crescido em 39%.

Como conseqüência direta do seu desenvolvimento na qual se inclui a adoção de técnicas modernas para o controle da natalidade, a América do Norte, a Europa e a URSS registrarão as menores taxas de crescimento populacional. Na América do Norte (excluindo-se o México) o percentual será de 12%; enquanto na Europa (excluída a URSS)* o crescimento será ainda menor, ou seja, de apenas 2%.

Por sua vez, a América Latina, em face dos problemas do subdesenvolvimento, apresentará um ritmo de expansão populacional de 45%, só menor que o da África. Enquanto taxa bem menor registrará a Oceania, tendo a Austrália como peso maior, com o percentual de 25%.

Segundo os peritos da ONU especula-se que o chamado “*crescimento zero*”, ou seja, o equilíbrio da população entre nascimentos e

* A URSS abrangendo a Eurásia, deverá crescer em 12%, comparando-se ao percentual dos Estados Unidos-Canadá-Alaska em conjunto.

mortes, o mais cedo que há de se estabilizar será no ano 2024 com o mundo já ocupado por 8 bilhões de pessoas; para os mais pessimistas isso só ocorrerá no ano 2130 com nosso Planeta já abrigando 14 bilhões de habitantes.

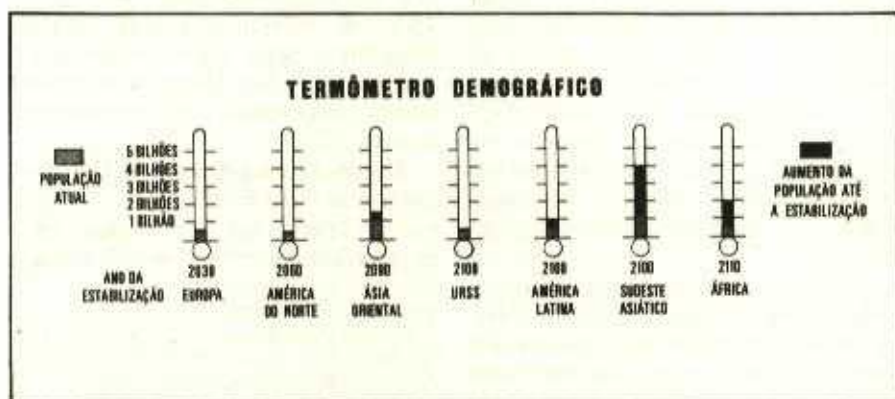
O Banco Mundial chega a conclusões semelhantes às da ONU quanto às taxas de natalidade e época de estabilização da população; e dá para o Brasil o ano de 2075 para o seu "crescimento zero", quando já ocuparão o país 281 milhões de pessoas.

O gráfico intitulado "Termômetro Demográfico", que ilustra esse artigo, mostrará, comparando com a população atual, nas diversas áreas do mundo, quando ocorrerá a estabilização ou "crescimento zero".

É fato comprovado que a *aceleração da taxa de crescimento da população mundial ainda prossegue*, mas comprova também que as

porcentagens atuais não podem continuar assim por muito tempo. Em contrapartida uma previsão neste terreno é perigosa e *o planejamento familiar não deve ser o mesmo em todas as regiões do mundo*. Isto porque a *limitação da natalidade poderá, em alguns casos, vir a provocar uma contra-revolução no panorama da população mundial*.

O homem é o único animal construtor da cultura no mundo — tanto se adapta ao ambiente como também cria ambientes. Criando sua cultura precipita as revoluções tecnológica, industrial e científica, alterando profundamente o ritmo de sua reprodução, destruindo o equilíbrio entre a taxa de natalidade e mortalidade que existiu durante milênios sobre a face da Terra. No entanto, um fato assustador para o futuro se mostra patente na atualidade do panorama da população mundial — *a quantidade está anulando a qualidade*.



BIBLIOGRAFIA

- Max Sorre - L'Homme sur la Terre - Paris, 1961.
- Philip M. Hauser - A População do Mundo: suas Tendências e Perspectivas Recentes - in Panorama da População Mundial - Rio, 1965.
- Pierre George - Géographie de la Population - Paris, 1975.
- R. Dumont - Nous Allons à la Famine - Paris, 1966.
- Yves Lacoste - Géographie de Sous-Developpement - Paris, 1968.



Therezinha de Castro - Bacharel e Licenciada em Geografia e História pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (atual UFRJ). Especialização: Geopolítica e Relações Internacionais. Além de outras obras, escreveu "Rumo à Antártica", em que defende os direitos do Brasil no Continente Antártico, "História da Civilização Brasileira", "Atlas-Texto de Geopolítica do Brasil", "África - Geohistória, Geopolítica e Relações Internacionais".